

AFINAL, O QUE É MOTE, PROFESSORA?

Maria da Graça Pedrazzi MARTINI*

RESUMO: O presente trabalho nasceu da pergunta de uma aluna do Polo Formador em Terapia Comunitária Integrativa de Londrina, turma 2005: “afinal, o que é mote professora?” Desde então o trabalho com a prática da Terapia Comunitária Integrativa – TCI, vem nos proporcionado construir e ampliar coletivamente a resposta a esta questão que retorna com novos protagonistas. Assim vamos ampliando conceitos e nos aprimorando na construção dos motes. O trabalho com a TCI se propõe a acolher e desencadear processos de reflexão na comunidade através de suas etapas. Citaremos todas elas e nos deteremos um pouco mais na importância dos motes. Os motes simbólicos apresentados neste trabalho foram elaborados a partir dos temas trazidos pela comunidade. Os objetivos são apresentar a Terapia Comunitária Integrativa; responder a pergunta que deu origem a este trabalho; aprofundar o conceito de mote e destacar a importância do mote na etapa da problematização. Os motes foram retirados do banco de dados da Autarquia Municipal de Saúde de Londrina, das anotações dos terapeutas comunitários trazidas para a intervenção mensal de grupo desde 2003 e das supervisões de campo. Foram elencados 175 motes mais utilizados pelos terapeutas comunitários, no período de 2003 a 2011. Esta síntese tem facilitado a compreensão dos

* Pedagoga, Psicopedagoga Clínica e Institucional. Coordenadora e Intervisora do pólo formador em terapia comunitária da autarquia municipal de saúde de Londrina. Londrina – PR – Brasil. 86010250 – gracia.martini@sercomtel.com.br

terapeutas comunitários em formação sobre o que é construir um mote, bem como tem ampliado as possibilidades do pensamento reflexivo em comunidade voltado às diversas temáticas que surgem espontaneamente nas rodas de TCI.

PALAVRAS-CHAVE: Mote simbólico. Escuta ativa. Pensamento reflexivo.

Este trabalho nasceu da pergunta de uma aluna do Polo Formador em Terapia Comunitária Integrativa de Londrina,-Pr, turma 2005: “afinal, o que é mote professora?” Desde então o trabalho com a prática da Terapia Comunitária Integrativa-TCI, vem nos proporcionado construir coletivamente e ampliar a resposta a esta questão, que retorna com novos protagonistas em todos os cursos de formação.

Seu objetivo é: responder a pergunta que deu origem a este trabalho; apresentar a TCI descrita conforme denominação e definição de seu criador Adalberto Barreto (2008); aprofundar conceitos e destacar a importância do mote na etapa da problematização.

Sendo o nosso foco os motes, apresentaremos cada etapa da TCI e nos deteremos na problematização.

ACOLHIMENTO

O sucesso da Terapia Comunitária Integrativa começa com o acolhimento realizado pelo co-terapeuta que, quando dinâmico e afetivo, envolve os participantes numa energia de amorosidade e integração, deixando-os à vontade, acolhidos e em sintonia com o clima da TCI. Esta etapa acontece em seis procedimentos: **1-Dar as boas vindas** e a **2-Celebração da vida dos aniversariantes**. Estes dois primeiros são momentos especiais onde cada participante, seja ele veterano ou vindo pela primeira vez, é integrado e acolhido no grupo. Após o grupo já estar à vontade, bem acomodado, em círculo, o co-terapeuta **3- Apresenta os objetivos** e o significado da TCI, **4- Apresenta as regras**, os ditados populares que exemplificam a TCI conforme a cultura daquela região, **5- Aquece**

Afinal, o que é mote, professora?

o grupo com uma dinâmica interativa envolvendo gestos, músicas, proporcionando integração e descontração, e **6- Apresenta o terapeuta comunitário** que conduzirá a segunda etapa da TCI.

ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema possui cinco procedimentos. **1- A palavra do terapeuta comunitário** que dá bom dia (tarde ou noite). Ele retoma alguns ditados e provérbios que tem a ver com a TCI e pergunta aos participantes se tem alguém que gostaria de falar sobre algo que lhe tira o sono ou está lhe fazendo sofrer. Explica que seu relato deve ser sucinto, ou seja, apresentar a “manchete do seu sofrimento e deixar para dar toda a notícia toda quando for eleito”. Deve aprender a “vender seu peixe” em poucas palavras. **2- Apresentação dos temas:** o terapeuta pergunta quem gostaria de falar? Caso o participante seja muito sucinto em sua fala o terapeuta poderá fazer alguma pergunta para entender melhor seu tema e, após cada relato, faz a síntese dizendo: “fulano deixa ver se eu entendi, se eu não entendi me corrija, por favor: o seu sofrimento é...” **3- Identificação do grupo com os temas apresentados:** acontece quando quatro ou cinco pessoas já fizeram o relato do seu sofrimento de forma resumida e o grupo se manifesta em relação às problemáticas trazidas. O terapeuta diz: “Qual desses temas lhe tocou mais na roda de hoje e por que?” **4- Votação:** O terapeuta repete os temas na ordem em que os participantes iniciaram e em seguida realiza a votação para a escolha de uma só situação. **5- Agradecimentos:** após o término da votação o terapeuta agradece a todos os participantes que colocaram seu problema e se coloca a disposição no final da TCI para quem deseja conversar. Ocorrida a escolha do tema, realizamos a contextualização.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta etapa há dois procedimentos: **1- Informações sobre o problema escolhido:** é o momento do participante eleito falar um pouco mais sobre o seu sofrimento e a comunidade pode fazer per-

guntas, só perguntas para que possa compreender melhor o contexto do problema. Ao responder as perguntas, a pessoa eleita, já vai organizando os pensamentos e sentimentos.

As perguntas desencadeiam lembranças. Elas devem contribuir para recordar, organizar as idéias, dar sentido ao sofrimento e atitudes. Perguntas de cunho avaliativo, corretivo e discriminatório devem ser descartadas.

O momento da contextualização é fundamental para que o terapeuta comunitário possa preparar um bom mote. Quando o mote estiver elaborado, seja ele coringa ou simbólico, é que o terapeuta dará início à etapa seguinte: a problematização.

2- Elaborar o mote: O mote é a questão essencial que vai permitir a reflexão do grupo durante a terapia. É um instrumento de transformação do problema a partir da dimensão individual para a dimensão grupal. Momento em que a terapia **DE** grupo se transforma em terapia **DO** grupo. Representa o ponto de encontro entre os participantes da terapia, aquilo que liga, solidariza, exprime a mesma humanidade dentro de cada um (CAMAROTTI et al., 2003).

Para construir o mote é fundamental “abrir a escuta”, ou seja, desenvolver a escuta ativa, observar e anotar as palavras-chaves, pois cada uma delas sugere um mote e o terapeuta comunitário deve estar atento a elas. Deve ainda rodar com a roda, ou seja, sentir qual palavra/sentimento mobilizou o participante e o grupo no momento da contextualização.

Após a compreensão do contexto em que está inserida a queixa do participante e o seu sentimento, o terapeuta lança mão do mote.

Poderemos utilizar o **mote coringa** ou o **mote simbólico ou específico**. O primeiro deve ser usado nas dez primeiras rodas de TCI por ser mais simples (BARRETO, 2004), ou quando o terapeuta considerar pertinente. O **Mote simbólico** vai sendo elaborado a partir das palavras-chaves anotadas pelo terapeuta. Cada palavra-chave sugere um tema e possíveis motes. O terapeuta comunitário escolhe o sentimento ou palavra-chave que lhe pareceu mais significativo na fala do protagonista escolhido e lança a pergunta ao grupo.

Afinal, o que é mote, professora?

Ambos, mote coringa ou simbólico, possibilitam a identificação da comunidade com o tema apresentado. Esta identificação abre o canal de partilha para que várias pessoas consigam falar sobre um aspecto do problema e sua superação, sintetizado através do mote lançado. Lembrando que só se fala de si mesmo e das vivências pessoais em situações semelhantes contextualizada pelo mote lançado.

Abaixo, seguem algumas perguntas e respostas sobre MOTE, trabalhadas nas intervisões do primeiro semestre de 2011 no IV Curso de Formação em TCI de Londrina, Pr. As respostas foram construídas coletivamente com os terapeutas comunitários em formação.

A) Tenho dificuldade no mote. O que é mote?

- É a pergunta-chave que vai motivar a reflexão do grupo durante a terapia comunitária.
- É a pergunta que se faz para representar o sentimento da pessoa.
- É uma frase que contém a palavra-chave para definir o sentimento.
- É a frase que desperta nas pessoas o desejo de falar sobre o assunto.
- É a frase que conecta as pessoas ao sentimento exposto, em busca das estratégias de superação da comunidade.
- É a frase que possibilita sair das sensações e ir para o movimento de mudança.
- É um questionamento lançado que reflete a identificação de outras pessoas com o problema apresentado.
- É a frase que vai levantar as várias superações de um mesmo problema trazidas pela comunidade.

B) Qual diferença entre construção e lançamento de mote?

- O processo de construção do mote acontece enquanto todos fazem perguntas. O terapeuta fica atento para captar o sentimento mais evidente e ele vai anotando as palavras que se repetem na fala da pessoa, os sentimentos mais

fortes. Durante esse momento o terapeuta pode checar suas hipóteses perguntando, por exemplo: você se sente culpado? Ou você se sente impotente diante dessa situação? Confirmada sua percepção ele poderá lançar o mote. O momento em que se lança o mote é quando se definiu o sentimento ou a temática de reflexão então, se “joga” ou “lança” a frase para o grupo: *quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?* Ou *quem já se sentiu impotente e o que fez para superar?* Lembrando que o mote deve ser repetido cada vez que trocar de pessoa para que a comunidade não fuja do tema.

- Construir é escrever as palavras-chaves, é anotar os sentimentos que a pessoa traz. O lançamento do mote é quando se define entre as palavras-chaves, qual delas vai ser transformada em pergunta: Exemplo: *quem já sentiu a dor da saudade e o que fez para superar?* Ou poderá ser usado o mote coringa. *Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?*
- Construir é levantar hipóteses, possibilidades, e quando você escolhe uma das possibilidades, você monta a frase: essa frase em forma de pergunta é o mote.
- Na construção, você pensa enquanto a pessoa fala, refaz suas hipóteses e lança para grupo novamente em forma de uma pergunta-chave que será respondida pela comunidade.

C) Como facilitar a construção do mote?

- Manter a escuta ativa/ atenção.
- Prestar atenção nos sentimentos.
- Ir anotando as palavras-chaves e verificando os sentimentos mais fortes que são colocados pela pessoa que foi escolhida.

D) Tenho dificuldade na construção do mote. Como posso formular melhor o mote quando são vários sentimentos ou palavras-chaves?

- Lançar o mote coringa: Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?

Afinal, o que é mote, professora?

- Pergunte para a pessoa: Exemplo: Você se sente culpada? Você se sente burro de carga? Você sente muita saudade? Use a arte de perguntar. As perguntas serão o seu “norte”, a sua “bússola” para construir um bom mote.
- Fazer perguntas com mais ênfase nas palavras ditas e que representam os sentimentos da pessoa que está relatando.
- Registrar a palavra/ sentimento/emoção que mais sensibilizou o grupo para construir o mote.

PROBLEMATIZAÇÃO

Composta de um só procedimento: **lançar o MOTE.**

Como já definimos o mote é uma pergunta que desencadeia o pensamento reflexivo dos participantes. Ele tem por objetivo expressar o que o participante relatou e representar o que seu problema está querendo comunicar, bem como levantar estratégias de superação. Refletimos coletivamente através do mote lançado para ampliar as possibilidades de compreensão e superação. “Quem olha para o dedo que aponta a estrela jamais verá a estrela”. (BARRETO, 2008). Passamos de uma comunicação inconsciente do problema para comunicação consciente da co-responsabilidade na superação do mesmo. Ou seja, Ao lançarmos um ou dois motes na roda, não buscamos encontrar respostas prontas ou solução para o problema apresentado, lembrando sempre que não somos “Salvadores da Pátria”, mas possibilitar que os participantes saiam da roda com elementos e possibilidades novos. O terapeuta pode lançar mais de um mote na roda. Estes devem proporcionar a comunidade uma reflexão sobre o tema através de outro ponto, de outro ângulo. O objetivo é aprofundar e ampliar as possibilidades de superação da problemática.

O mote consegue trazer à luz dimensões afetivas, psicológicas e sociais que, em geral, permanecem veladas, guardadas e cristalizadas pelo sofrimento psíquico, O objetivo é passar de uma visão estática e linear do problema para uma visão dinâmica e sistêmica da solução. “Se sou parte do problema sou também parte da solução”, afirma Adalberto Barreto (2004).

A função do mote é promover uma reflexão coletiva sobre o tema escolhido e assim permitir que cada participante reveja seus conceitos, seus preconceitos, sua forma de se relacionar consigo e com o outro e a partir daí, flexibilizar seus paradigmas, propor novos modelos de convivência e de participação na coletividade. Cada participante chega à TCI com a sua verdade, com sua certeza e sua visão de mundo, mas não deve sair do mesmo jeito que chegou. Deve receber um novo elemento, uma nova possibilidade de pensar e agir que encontra ao se deparar com as vivências e saberes dos outros participantes (BARRETO, 2004). A essência da TCI é a de valorização da competência de cada um, sem buscar o consenso das opiniões. No consenso há uma sobreposição de saberes, e nesta, está implícita sempre uma relação de poder, alguém vence e alguém perde. Na TCI, acolhemos a diversidade e incluímos todas as possibilidades de pensamentos.

O Mote deve ser repetido, a cada mudança de participante que queira partilhar sua experiência de superação, para manter o foco da problemática e organizar pedagogicamente uma escuta dos diferentes saberes da comunidade, bem como dos diversos caminhos percorridos na história de vida de cada um. Neste caso não se trata apenas de ouvir, mas novamente de uma escuta ativa, pois através da história do outro cada participante escuta a si mesmo. Quando refletimos em e com a comunidade, aprendemos a lidar com as diferenças e se beneficiar do choque entre elas como estratégia para o crescimento humano.

O mote, portanto, deve estar em sintonia com a problemática relatada e captar a dor, o sofrimento, ir além da queixa de quem expõe. A queixa é só uma casca que esconde a verdadeira dor. Devemos chegar ao verdadeiro sentimento através da arte de perguntar, para conseguir compreender para mudar. Imaginem a queixa com uma “cebola”. A cada pergunta vamos tirando uma das várias camadas de casca até chegar à essência do verdadeiro sentimento escondido no sintoma/queixa.

Vamos exemplificar algumas temáticas comuns nas rodas de TCI e algumas possibilidades de motes simbólicos:

Afinal, o que é mote, professora?

Tema: Dependências – Quem já teve se sentiu dependente de algo ou alguém e o que fez para superar? De onde vem minha força para não recair? Quando caio de onde vem minha força para levantar?

Tema: tentativa de suicídio–Quem já quis matar o cachorro e não a pulga e o que fez para superar? Quem já se sentiu sem saída e o que fez para superar?

Tema: Morte/luto: Quem já se sentiu culpado e o que fez para superar? O que a morte não levou de mim? Ou: que herança positiva eu levo de meu pai? De onde tiro forças para superar a dor da perda? Quem já perdeu alguém e o que fez para superar?

Em temas dolorosos sugerimos motes que trabalhem a resiliência, que resgatem a força interior do protagonista e da comunidade. Lembrar das coisas boas e da própria força interior possibilita que os participantes saiam mais fortalecidos, com a certeza de que juntos são capazes de superar a dor e buscar alternativas de superação.

Na etapa da problematização é que buscamos articular os aspectos bio-psico-sociais dos participantes. A partir da situação apresentada poderemos lançar o mote para uma reflexão no nível individual, no nível da família, no nível da comunidade, no nível da sociedade, planetário e até mesmo no nível da humanidade. A partilha e a escuta proporcionam que cada um reveja seus próprios sentimentos e convicções, sua postura em relação a si, sua família, sua comunidade e a sociedade em que vive. É o momento de respeito ao saber do outro, ouvindo, sentindo e valorizando o fazer de cada um. Isto ocorre durante a partilha de saberes provocada pelo mote. Através dele é que desencadeamos processos de reflexão num diálogo coletivo, promovendo o desenvolvimento da autonomia e autogestão do indivíduo e da comunidade.

Ribeiro (2004) nos diz que a essência do grupo está na sua capacidade de pensar, de sentir, de fazer e de falar comunitariamente. Temos essas megas dimensões: eu penso, eu sinto, eu faço e eu falo. O grupo é mestre na construção do pensamento, é o mestre na construção da emoção, é o mestre na condição do fazer, e, sobretudo da linguagem.

As diversas superações relatadas a partir do mote geram dúvidas nas certezas e convicções de cada um. Sabemos que as convicções

podem levar a pessoa a verdadeiras prisões. Ao suscitarmos a dúvida, abrimos o coração dos participantes para o pensamento reflexivo e o diálogo coletivo, bem como abrimos as portas para a entrada de novas possibilidades de superar o mesmo problema.

Nesta etapa da TCI a comunidade compreende que a problemática de um é comum a mais pessoas e que a solução dela passa, sobretudo por transformações tanto no campo pessoal como no social. Isto contribui para diminuir ou extinguir com os estereótipos, preconceitos, prisões e ilusões psicológicas que impedem o surgimento do pensamento consciente e reflexivo, do potencial criativo e da formação de vínculos afetivos que sustentam a verdadeira mudança. O que está em jogo aqui não é apenas trabalhar os sentimentos e as angústias dos participantes, mas refletir sobre os paradigmas que determinam as relações sociais. Por isso destacamos a importância de elaborarmos motes que possibilitem desencadear processos emancipatórios. Devemos ainda, possibilitar aos participantes, condições de vencer a indiferença e a banalização do sofrimento e da violência, construindo caminhos diferentes do caminho da reação. A reação é sempre limitada, inconsciente, porque acontece como uma resposta rápida a algo. “Olho por olho, dente por dente” (Lei de Talião)¹. A participação na TCI vai possibilitando a consciência dos verdadeiros sentimentos que envolvem a problemática. Vai ampliando a compreensão dos sentimentos, se eles são de ontem (uma reação ao passado, reação da criança interior) ou se são de hoje, reações a situações atuais. É o exercício de pensar antes de agir. O mote proporciona um pensar sobre o que é que a história do outro tem a ver com a minha. “Só reconheço no outro aquilo que reconheço em mim” (BARRETO, 2008). Isso significa que o que eu ouço do outro reenvia a minha própria história, podendo ressignificá-la no berço da comunidade através da troca de saberes e experiências vividas por quem tem problema, mas também tem solução.

O texto elenca 175 motes simbólicos mais utilizados nas rodas de TCI no período de 2003 a 2011. Eles foram transcritos do

¹ Vide BIBLIA, Levítico, 24, 19-20.

Afinal, o que é mote, professora?

banco de dados da Autarquia Municipal de Saúde de Londrina (MARTINI, 2003-2011), das anotações dos terapeutas comunitários trazidas para a intervenção mensal de grupo desde 2003 e das supervisões de campo. Os motes ilustram os temas mais frequentes partilhados nas rodas. Esta síntese tem facilitado a compreensão dos terapeutas comunitários em formação sobre o que é construir e lançar um mote, bem como tem ampliado as possibilidades do pensamento reflexivo em comunidade voltado às diversas temáticas que surgem espontaneamente nas rodas de TCI.

Separamos apenas para fins didáticos, mas na prática eles são interdependentes e podem ser trabalhados em vários níveis e contextos.

a) **Mote coringa:**

Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?

b) **Mote simbólico:**

Estresse/dores na alma

1. Qual a minha cruz e o que faço para superá-la?
2. Quem já se sentiu sem saída e o que fez para superar?
3. Quem já pensou em morrer e o que fez para superar?
4. O que eu desejo matar em mim, matando a pulga e não o cachorro?
5. Quem já foi caluniado e o que fez para superar?
6. Quem já se sentiu boneco de alguém e o que fez para superar?
7. Quem já assumiu sozinho todos os problemas familiares e o que fez para superar?
8. O que eu já quis abortar em minha vida? O que fiz para superar?

9. Quem já necessitou ser fortaleza e o que fez para superar? Com quem pode contar?
10. Quem já quis ajudar e foi rejeitado/ incompreendido e o que fez para superar?
11. Quem já se sentiu “pesado” e sem ânimo para viver e o que fez para superar?
12. Quem já se sentiu deprimido e o que fez para superar?
13. Quem já se sentiu o salvador da pátria e o que fez para superar?
14. Quem já se sentiu Patinho Feio na vida e o que fez para superar²?
15. Quem já se sentiu supercuidador e o que fez para cuidar de si mesmo?
16. Você já ficou refém de um segredo e o que fez para superar? Quais as conseqüências de aceitar manter um segredo?
17. O que faço para me encontrar quando estou perdido?
18. Qual é o meu vício (ou minha dependência)? O que tenho feito para superá-lo?
19. Qual é a minha “droga”? O que fazer para superar?
20. Qual é a minha “cachaça”? O que fazer para superar?
21. Quem já se sentiu perdendo o controle e o que fez para superar?
22. Quem já foi “controlador” e o que fez para superar? É possível ter controle das coisas? O que devemos fazer para superar a necessidade de controlar as coisas?
23. Qual “janela” de minha vida que estou segurando fechada? O que posso fazer para abri-la?

² Trabalhamos a história do patinho feio na TCI com as crianças de 06 a 12 anos, do Projeto Viva Vida em 2004, que atende crianças e adolescentes em vulnerabilidade, na periferia da cidade de Londrina.

24. Quem já se sentiu frustrado o que fez para superar?
25. Quem já sentiu raiva o que fez para superá-la?
26. Quem já sentiu tristeza e o que fez para superá-la?
27. Quem já se arrependeu de algo que fez e o que fez para superar?
28. Quem já se sentiu desprotegido e o que fez para superar?
29. Quem já se sentiu sobrecarregado e o que fez para superar?
30. Quem já se sentiu “burro de carga” e o que fez para superar?
31. Quem já se sentiu agredido e o que fez para superar?
32. Quem já sentiu ansiedade o que fez para superá-la?
33. Quem já se sentiu humilhado? O que fez para superar?
34. Quem já se sentiu impotente? O que fez para superar?
35. Quem já se sentiu impaciente? O que fez para superar?
36. Quem já se sentiu perdido? O que fez para superar?
37. Quem já se sentiu revoltado e o que fez para superar?
38. Quem já se sentiu culpado? O que fez para superar a culpa?
39. Quem já se sentiu desesperado e o que fez para superar?
40. Quem já se sentiu discriminado e o que fez para superar?
41. Quem já se sentiu excluído e o que fez para superar?
42. Quem já se sentiu dividido e o que fez para superar?
43. Quem já sentiu dificuldade de fazer escolhas e o que fez para superar?
44. Quem já sentiu “nervosismo”? O que fez para superar?
45. Quem já sentiu mágoa e o que fez para superar?
46. Quem já se sentiu rejeitado e o que fez para superar?

47. Quem já se sentiu injustiçado e o que fez para superar?
48. Quem já se sentiu mutilado e o que fez para superar?
49. Quem já sentiu medo e o que fez para superar?
50. Quem já teve medo de errar e o que fez para superar?
51. Quem já sentiu medo de falar e o que fez para superar?
52. Quem já se sentiu frustrado? O que fez para superar?
53. Quem já se sentiu dependente e o fez para superar? O que tenho feito para conquistar a minha independência?
54. Quem já teve síndrome do pânico e o que fez para superar? O que tenho feito para me divertir, sentir alegria?
55. Quem já sofreu violência e o que fez para superar?
56. Quem já viveu a dor da traição e o que fez para superar?
57. Quem já viveu a dor da perda? Como fez para superar?
58. Quem já viveu a dor do abandono e o que fez para superar? Aonde nos sentimos adotados por alguém?
59. Quem já teve um projeto de vida abortado e o que fez para superar? Qual é o sonho que posso colocar no lugar?
60. Quem já viveu a dor da saudade e o que fez para superá-la?
61. Quem já viveu a dor da solidão e que fez para superar?
62. Quem já sentiu a dor da revolta e o que fez para superar?
63. Quem já sentiu a dor de não ser amado e o que fez para superar?
64. Quem já sentiu a dor do preconceito e o que fez para superar?
65. Você é o que você quer ou aquilo que os outros querem que você seja? Qual o primeiro passo para sair disso?
66. Quem já foi considerado incapaz por alguém e o que fez para superar?

Afinal, o que é mote, professora?

67. Quem já ficou cego e o que fez para superar?³
68. Quem já ficou “cego de raiva” e o que fez para superar?
69. Quem já ficou “sem chão” e o que fez para superar?
70. O que você tem feito das suas dores só sofrido ou crescido? Como crescer com os sofrimentos?
71. Quem já teve uma dor do passado que veio a tona e o que fez para superar?

Estresse/saúde

72. Quem já conviveu com uma situação de uso de drogas e o que fez para superar?
73. Quem já se sentiu “medalha de ouro” da doença e o que fez para superar?
74. Quem já foi forçado a modificar sua vida após uma doença e o que fez para superar?
75. Qual é o meu “câncer” e o que tenho feito para superar?
76. Quem já viveu o problema do alcoolismo em casa o que fez para superá-lo?
77. Como tenho cuidado de meu corpo para não sentir dores? Em que situação ou sentimentos essas dores aumentam? O que faço para superar? (grupo de dor crônica)
78. O que tenho feito por mim e para mim?
79. Em que fase da minha vida eu fico mais doente? Posso reagir diferente diante dos problemas? Qual é meu primeiro passo?(doenças psicossomáticas)
80. Como reajo quando estou doente? Como posso reagir para ficar melhor?
81. O que posso fazer para ter maior qualidade de vida?

³ Mote lançado na TCI realizada no Instituto dos cegos de Londrina.

82. O que eu preciso filtrar para que eu não seja uma esponja dos problemas dos outros?
83. Quem já “engoliu sapos” e o que fez para superar isso? (para obesidade, dores de estomago)
84. Quem já foi “colchão” para os outros e o que fez para superar?Estou sendo colchão para agüentar as “pancadas”? (obesidade)
85. O que é “amargo” em minha vida? O que posso fazer para que fique mais doce? (diabéticos)
86. Como posso resolver problemas sem ser só na cabeça?
87. Quem já se sentiu dependente de algo ou de alguém e o que fez para resolver?
88. Quem já recaiu no (no vicio, num amor doente, nos remédios, etc) e o que fez para superar?

Estresse/conflito familiar

89. Quem já passou pela experiência de ter um marido/esposa/familiar agressivo e o que fez para superar?
90. Quem já enfrentou o problema de drogas na família e o que fez para superar?
91. Quem já dependeu de alguém por algum tempo? Como foi esta experiência e o que fez para superar?
92. Quem já cuidou de alguém por obrigação e o que fez para superar?
93. Quem já conviveu com a violência dentro de casa e o que fez para superar?
94. Quem já teve conflito com o pai/mãe/familiar e o que fez para superar?
95. Quem já viveu situação de violência? O que fez para superar?

Afinal, o que é mote, professora?

96. Quem já vivenciou uma situação de indiferença na família e o que fez para superar?
97. Quem já vivenciou a preocupação de proteger o filho de sofrer agressões e o que fez para superar?
98. Quem já sofreu as dores do vício na família e o que fez para superar?
99. Quem já ficou sem falar com alguém e o que fez para superar?
100. Quem já sentiu ciúmes (marido, mulher, pai, mãe, irmãos, amigo, namorado, vizinho) e o que fez para superar?

Estresse/emprego

101. Quem já ficou desempregado? Que estratégia usou para superar?
102. Quem já sofreu com a falta de profissão e o que fez para superar?
103. Quem já se sentiu sem perspectiva? Desanimado? O que fez para superar?
104. Quem já se sentiu limitado para desenvolver alguma atividade e o que fez para superar?
105. Quem já perdeu alguma chance de emprego devido a falta de experiência e o que fez para superar?
106. Em que situações eu me boicoto para não conseguir trabalho? Como superar o autoboicote?
107. O que tenho feito para manter o meu emprego?
108. O que me diferencia dos demais profissionais? Qual é minha habilidade?
109. Como mantenho minha motivação para o trabalho?

Estresse/educação

110. Quem já viveu o problema de gravidez na adolescência e o que tem feito para prevenir o problema com seus filhos?
111. Quem já teve dificuldade na educação dos filhos e o que fez para superar?
112. O que cada um pode fazer para melhorar o relacionamento entre aluno e professor nesta escola?
113. Como estou em minha vida escolar? O que faço para ela ser melhor?
114. A palmada educa? Porque? Como melhorar a comunicação?
115. O que tenho feito não para piorar a situação quando meus pais bebem?(crianças agredidas, filhas de alcoolistas).
116. Com quem posso contar quando a situação fica “feia” lá em casa? (crianças filhas de usuários de drogas. Ao final da TCI as crianças podem desenhar sua rede social concretizando as possibilidades de apoio nos momentos de dificuldade).
117. O que tenho feito para melhorar minha escola?
118. Qual é minha função enquanto pai e mãe na vida e meus filhos?
119. O que poderíamos fazer para melhorar o relacionamento entre alunos e professores?
120. Como poderíamos melhorar a qualificação dos alunos para o mercado de trabalho?(TCI com instrutores de oficinas pedagógicas para adolescentes)
121. Com quem posso contar para melhor educar meus filhos?
122. Qual é o papel da família na educação dos filhos? Como a comunidade pode colaborar?
123. Como podemos melhorar a disciplina na escola?

Afinal, o que é mote, professora?

124. O que estou sentindo tendo que deixar este projeto social⁴? Qual é meu sonho/objetivo ao sair daqui?
125. Como os pais podem colaborar com a escola?
126. O que herdei de bom dos meus pais? O que estou deixando de bom para meus filhos?
127. O que leva os adolescentes a se envolverem em atos infracionais? Qual a minha parte para que isso possa ser prevenido?
128. O que o meu pai/mãe me ensina (ensinou) de bom? Quais passos eu quero seguir?

Estresse/comunidade

129. Qual é o local em que eu me sinto seguro? O que tenho feito para construir a paz em meu lar e minha comunidade?
130. Qual é a minha contribuição para a diminuição da violência no meu bairro?
131. Quem já se sentiu um “não cidadão” e o que fez para superar?
132. Que tipo de participação eu exerço na comunidade (passiva ou ativa)?
133. Quais são os serviços essenciais do meu bairro? Porque é importante conhecer a rede de serviços?
134. Qual é a minha participação para a manutenção da indiferença do poder público? O que posso fazer para mudar essa situação?
135. Quem já viveu o medo da violência no bairro e o que fez para superar?

⁴ POP-Programa de Oficinas Pedagógicas para adolescentes em vulnerabilidade social, 2004.

136. Qual o meu papel frente a minha comunidade?
137. Qual é minha participação na solução dos problemas do meu bairro?
138. Qual a importância da participação comunitária em minha vida?
139. Como posso me proteger da violência sem deixar de viver?
140. Quem se sente amedrontado com os problemas envolvendo os adolescentes e o que fez para superar?
141. O que tenho feito para contribuir com a limpeza do meu bairro e evitar a proliferação do mosquito da dengue?
142. O que tenho feito em minha casa, e no meu bairro para combater o mosquito da dengue?
143. Que ações a comunidade pode realizar para prevenir a dengue? Como trabalharmos juntos?
144. Qual a minha responsabilidade nesta comunidade no combate a dengue?
145. O que podemos fazer enquanto comunidade para se unir e se organizar para prevenir a dengue?
146. Qual tem sido a minha participação na solução do problema da dengue em minha cidade?
147. De que forma nós podemos organizar a reciclagem do lixo em nossa comunidade?
148. Qual é a minha parte na preservação do planeta?

Força interior/resiliência

149. Qual é a minha competência? O que tenho feito para desenvolvê-la?
150. Qual é a minha ferida e qual é a minha pérola?
151. De onde vem a minha força e o que faço para mantê-la?

Afinal, o que é mote, professora?

152. Como está a árvore da minha vida? O que tenho feito para fortalecer sua raiz?
153. Como está o jardim da minha vida? Qual tem sido o adubo do meu jardim da alma?
154. Como mantenho a minha alegria?
155. O que faço para manter a minha felicidade?
156. Que “moldura”⁵ que eu quero dar para minha vida ?
157. Como embelezo a minha vida?
158. “Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar...” (canção popular). Quais “pedrinhas de brilhante” e quero colocar no meu caminho para melhorar meus relacionamentos?
159. Qual é a nova página que quero escrever no livro da minha vida?
160. Como estou me sentindo hoje? O que tenho feito para ter um bom dia?
161. Como eu faço para me comunicar melhor com as pessoas?
162. Como vejo meu futuro? O que tenho feito para ele ser melhor?
163. O que posso fazer para superar meus pensamentos limitantes? Meu autoboicote?
164. O que faço para não ter problemas?(quando o silêncio impera na roda)

⁵ Trata-se de três girassóis pintados em um quadro de madeira grande (01cm x 01,10cm). Os miolos dos girassóis são vazados para encaixar o rosto do participante e as duas mãos. Cada participante recebe o quadro e vai sentindo o significado do mote. Vale destacar que o quadro foi pintado por adolescentes em vulnerabilidade social que participavam do Programa de Oficinas Pedagógicas – POP e freqüentavam em 2004, um grupo de TCI uma vez por semana.

165. Quem já perdoou alguém ou uma situação e o que fez para conseguir?
166. Qual foi minha maior realização neste ano e qual o seu sonho para o ano que vem? Qual será meu primeiro passo para realizá-lo?
167. Qual é o meu maior desafio e o que estou aprendendo com ele?
168. Qual minha maior vitória este ano e o que fiz para conquistá-la? O que eu quero que morra em mim neste ano? O que eu quero que nasça em mim neste novo ano?
169. O que eu espero este ano? Qual é o primeiro passo para conseguir realizar?
170. O que eu estou fazendo para realizar meus sonhos?
171. O que tenho feito para cuidar de mim enquanto cuido dos outros?
172. Porque fazemos escolhas? O que acontece quando eu não escolho?
173. Quem já viveu situação de ter que escolher alguma coisa? Como faço minhas escolhas? Qual a importância de se fazer escolhas na vida?
174. Qual é o sonho não pude realizar enquanto estava trabalhando e que agora quero realizar? (para os que estão aposentados)
175. Qual história gostaria de destacar que marcou a minha jornada no trabalho? (para os que estão se aposentando)
176. Quais são meus outros talentos além de ser profissional?

É mister ainda reforçar que ao lançarmos um ou mais moes na roda da TCI,

[...] saímos do unitário para atingir o comunitário, saímos da dependência para a autonomia e co-responsabilidade, vamos

Afinal, o que é mote, professora?

além da carência para ressaltar a competência, saímos da verticalidade das relações para a horizontalidade e por fim, saímos da descrença na capacidade do outro para acreditar no potencial de cada um... (BARRETO, 2004).

Saímos do sofrimento oprimido e solitário para novas perspectivas e comunhão solidária. Atingimos a riqueza da soma dos saberes populares. Cada um é doutor de sua própria vivência. A isso chamamos de Terapia Comunitária Integrativa.

ENCERRAMENTO/CONCLUSÃO DA RODA DE TCI

Para encerrar, a Terapia Comunitária Integrativa, utilizamos: **1- A formação da roda**, em pé e ombro a ombro, para os rituais de agregação simboliza a síntese da riqueza imensurável do processo de pertencimento e de empoderamento de cada um inserido nessa rede de afeto. **2- conotação positiva**. É quando o terapeuta comunitário faz o resgate do que foi apresentado, valorizando o participante que expôs sua problemática no grupo e que tanto contribuiu para o crescimento de todos. Esta etapa favorece a interiorização para uma escuta interna, proporcionando a revelação das aprendizagens num clima de amorosidade e apoio mútuo. É o momento de valorização da competência, dos saberes e força interior de quem mais se abriu para o grupo. Toda a comunidade deve ser reconhecida e valorizada de alguma forma. Cada participante poderá se quiser, dizer que lições foram tiradas das histórias ouvidas e o que está levando da TCI, podendo também cantar, declamar ou apresentar qualquer recurso que proporcione o fortalecimento da rede social⁶, da diversidade cultural, unidade do grupo, do clima afetivo e da conotação positiva para que os participantes da roda voltem aos seus lares mais reanimados e fortalecidos.

⁶ Utilizaremos, neste contexto, a seguinte definição de rede: “[...] é a ligação como possibilidade de troca de afeto, de informação ou interesse, conexão flexível e confortável, abertura a diferentes dimensões da vida.” (GRASSANO; HOLZMANN, 2002).

Como diz Adalberto Barreto (1997), ainda quando a TCI estava descrita no *Manual do terapeuta comunitário*: “[...] é desta forma que cada pessoa vai construindo a afetividade e a solidariedade como um valor da vida comunitária. A TC não cria novos caminhos, mas nos ensina uma nova maneira de ver as coisas e caminhar juntos.”

Como procedimento final, se necessário, realizamos **3-encaaminhamentos para a rede de serviços** e depois, confraternizamos com a comunidade.

APRECIÇÃO INTERNA DA RODA

Após nos despedirmos dos participantes, ainda temos uma última etapa a executar: apreciar com a equipe que conduziu a TCI, observando os sentimentos que permearam os terapeutas nos diversos momentos, bem como, a condução de cada etapa propriamente dita. Quais as dificuldades que cada um encontrou, como foi a escolha de mote, quais outros poderiam ser elaborados, o que precisa ser melhorado, no que já avançamos, qual segmento da rede social que ainda não conseguimos articular; com quem podemos contar para aumentar o número de participantes e o que precisamos providenciar para o próximo encontro.

RESULTADOS DESTE TRABALHO

Os motes que lançamos na Terapia Comunitária Integrativa nos ajudam a suscitar a dimensão terapêutica da própria comunidade onde cada um é “doutor de sua própria história e terapeuta de si mesmo.” A TCI do começo ao fim, se constitui na arte de cuidar promovendo a valorização da herança cultural dos antepassados e dos valores que realmente são importantes para a vida em comunidade, bem como para que cada um transcenda os pensamentos limitantes que paralisam o ser humano e o impede de chegar à plenitude que é inerente a condição humana. A esta capacidade damos o nome de resiliência, compreendida como a capacidade do indivíduo estar exposto a situações de ameaça e adversidade e

Afinal, o que é mote, professora?

mediante estas circunstâncias conseguir adaptar-se de forma positiva (CÔRTE, 2009).

Através da Terapia Comunitária Integrativa podemos construir novos caminhos ou alternativas diferentes para o mesmo caminho, através de escolhas mais conscientes. Quando fazemos escolhas, assumimos novas posições, ousamos pensar, criar, mudar e crescer. Ancoramos nossa ação no pensamento reflexivo, na consciência do nosso papel pró-ativo na comunidade e a repercussão dele na construção de um mundo melhor.

Como diz o mestre Barreto (1997): “[...] não me canso de mudar porque não me canso de pensar.”

SO, TEACHER, WHAT IS A MOTE?

ABSTRACT: *This paper was born from a question, by some female student, in the Londrina/PR Integrative Community Therapy's (TCI) Formative Pole, class 2005: “so, teacher, what is a mote?” Since then the TCI work allows us to build and amplify collectively the answer to this question, that returns with new protagonists. This way we augment concepts and get better at building motes. Working with TCI one wants to support and set free processes of thinking in the community, through steps. We'll cite every one of them and will linger a bit more at the importance of motes. The symbolic motes showed in this paper were elaborated from the themes the community brought us out. The goals are: present the TCI; answer to the student's question; deepen the concept of mote and highlight its importance in the step of problematization. The motes were taken out from Londrina's Autarchy of Health, from community therapists jottings that were brought in to the monthly intervision since 2003, and from the group field supervisions. The 175 most used motes in 2003-2011 were identified. This synthesis eased the therapists-to-be' comprehension of what is to build a mote, as well as augmented the possibilities of the communal reflexive thinking turned to the manifold themes which rise up spontaneously in TCI circles.*

KEYWORDS: *Symbolic mote. Active hearing. Reflexive thinking.*

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. **Terapia comunitária passo a passo**. 3.ed. rev. e ampl. Fortaleza: LCR, 2008.

_____. Terapia comunitária: entre nessa roda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA COMUNITÁRIA, 2., Brasília, 2004. **Anais...** Brasília: ABRATECOM, 2004.

_____. **Manual do terapeuta comunitário**. [s.l.]: [s.n], 1997.

BÍBLIA. A T. Levítico. In: BIBLIA. Português. **Santa bíblia**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: LCC, 2006. p.386. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

CAMAROTTI, H. et al. Terapia comunitária no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA COMUNITÁRIA, 1., Morro Branco, 2003. **Anais...** Morro Branco: [s.n.], 2003.

CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2009.

GRASSANO, S. M.; HOLZMANN, M. E. F. **Multifamílias**: construindo redes de afeto. Curitiba: Integrada, 2002.

MARTINI, M. da G. P. **Relatório trimestral e anual da terapia comunitária**. Londrina: PML/Autarquia Municipal de Saúde do Município de Londrina PR, 2003-2011.

RIBEIRO, J. P. **Terapia comunitária**: a necessidade encontra resposta: terapia comunitária no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA COMUNITÁRIA, 2., Brasília, 2004. **Anais...** Brasília: ABRATECOM, 2004.